



PROGRAMA
HISTÓRIA
ORAL

DESEMBARGADOR
ANTONINHO LOPES



ENTREVISTA CONCEDIDA PELO DESEMBARGADOR ANTONINHO LOPES AO PROGRAMA HISTÓRIA ORAL DO TJDFT

Antoninho Lopes nasceu em São Paulo-SP, no dia 29 de julho de 1944. Formou-se em Bacharel em Direito em Santos (SP), em 1975. Foi serventário da Justiça na cidade de Guarujá (SP), a partir de 14/12/1966. Procurador Jurídico Municipal e secretário dos Assuntos Jurídicos da Prefeitura Municipal de Guarujá (SP), entre 16/5/1977 e 30/12/1988. Ainda no estado de São Paulo, compôs as bancas examinadoras nos exames da Ordem dos Advogados e de comprovação de estágio; membro da Comissão Regional de Direitos Humanos da Baixada Santista, da Ordem dos Advogados do Brasil - Seção São Paulo (OAB-SP) e exerceu, ainda, a advocacia de 29/11/1976 a 4/12/1990, sendo Presidente da 73ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil, em Guarujá (SP), no biênio 1985-1987. No magistério, foi professor da disciplina Prática Forense na Universidade Católica de Santos (SP), de novembro de 1985 a março de 1988. Foi Vice-Presidente e, depois, Presidente do Conselho Administrativo da Empresa de

Urbanização de Guarujá S.A. (EMURG), no estado de São Paulo. No Distrito Federal, em 5/11/1990, toma posse como juiz de Direito Substituto do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (TJDFT), por meio da aprovação no XVI Concurso para Magistratura do DF (1989-1990). A promoção para o cargo de Juiz de Direito ocorreu em 5/11/1992. De 22/11/1996 a outubro de 2003, foi juiz diretor do Fórum de Brasília e, de 1997 a 1998, foi juiz Eleitoral da 1ª Zona Eleitoral de Brasília. Em maio de 2002, foi convocado para substituir desembargadores do TJDFT. Como juiz, exerceu a Presidência da Primeira Turma Recursal dos Juizados Especiais de Brasília, por duas vezes, até maio de 2004. Na Associação dos Magistrados do Distrito Federal (AMAGIS), no biênio de 2003-2004, foi secretário, e diretor social nos biênios 2005-2006 e 2007-2008. Em abril de 2010, foi membro do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF). Exerceu o cargo de diretor da Escola Eleitoral do Tribunal Regional Eleitoral do Distrito Federal (TRE-DF). No dia 9/4/2010, o magistrado foi promovido ao cargo de Desembargador do TJDFT. Aposentou-se no cargo de Desembargador pelo TJDFT, conforme Portaria GPR 1.114 de 22/07/2014.

Desembargadora Carmelita Brasil

Desembargador Antoninho Lopes, é uma alegria muito grande e em nome do Programa Memória Oral, em nome da 1º Vice-Presidência, em meu nome especial e, afinal, em nome do Tribunal, queremos agradecer a presença de Vossa Excelência. Não só hoje neste dia especial em que será entrevistado, mas também em razão da colaboração eficiente que Vossa Excelência tem dado ao programa cooperando como entrevistador. Seja bem-vindo, certamente é a trajetória de Vossa Excelência, as histórias pelas quais Vossa Excelência passou (que) enriquecerão, e muito, o acervo do nosso Programa. Seja, portanto, muito bem-vindo. Nós iniciamos, Desembargador Antoninho, perguntando a Vossa Excelência alguma coisa de cunho bastante pessoal. O início da vida de Vossa Excelência, as influências familiares na escolha da profissão, a chegada à Faculdade de Direito. Conte-nos um pouco desse início de jornada.

Desembargador Antoninho Lopes

Nasci na capital de São Paulo, mas passei praticamente a vida inteira no litoral. Fui trabalhar em cartório, estive em Guarujá (durante) 24 anos. Fiquei quase 10 anos em cartório, cartório era criminal, Júri, fui escrivão do Júri, secretário de audiência, atualizando texto, e também, depois, o juiz acabou me nomeando temporariamente escrivão do 2º Ofício - eu trabalhava no 1º - aí, do 2º Ofício, era de Notas Cíveis, e eu fui ficando por lá porque me interessava, pois já estava no 4º ano, em São Paulo - Santos (SP) é por ano, não é por semestre como aqui, ou na época que eu fiz era por ano. Então, já tinha prestado vestibular na Universidade de Santos e, ainda, concomitantemente com o cartório, quando estava lá pelo 4º ano é que fui nomeado para o 2º Cartório, acabei me ajustando ficando por lá porque queria

aprender Civil, na prática, e de lá fiquei mais um ano e saí para ser advogado.

Desembargadora Carmelita Brasil

Qual o ano de formatura de Vossa Excelência?

Desembargador Antoninho Lopes

Fiz a faculdade de 1971 a 1975. Formei em 1975, e costumo dizer que pobre não tem direito a ter dependência, reprovação, tinha que ir tocando. A minha turma era muito unida, fizemos os 40 anos, reunimos uma boa parte deles, éramos 133 quando começamos - só tinha aquela faculdade em Santos - e formamos 100, por aí, 100, 101 ou 99. Todos pareciam com boa vocação para Direito. Estudei de manhã e esse pessoal sempre ficou... Tinha festa na faculdade toda sexta-feira, toda sexta-feira alguém inventava uma festa e, na turma da manhã, tinha uns 40, mais ou menos, e era assim: amanhã tem festa na sua casa, você está convidado. Era aquele povo todo lá, um violão, uma cantoria. E os cinco anos da faculdade de Santos foram todos assim, e eu ainda no cartório. Eu me formei em 1975, fiquei no cartório até o ano seguinte, até 1976, setembro, outubro. Aí, saí, montamos lá um escritorzinho, com um pouco de dificuldade porque já tinha casado e já tinha filhos, e então fui trabalhar na prefeitura. A prefeitura contratava advogado via CLT, porque havia uma lei estadual que permitia, e lá fiquei como procurador, depois, secretário do jurídico, aí já com cargo comissionado, fiquei 11 anos na prefeitura e podia advogar. Na prefeitura, o prefeito teve um mandato estendido para seis anos, aí fiquei quase seis anos. Não fui escolhido de início para ser o secretário, e saí de lá em 1988, quando me desliguei da prefeitura. Não quis voltar a ser

procurador, além da implicação burocrática, o fato é que eu queria prestar concurso, já tinha prestado concurso em 1980 e 1981, em São Paulo, com um grupo, mas só eu passei e não quis, achei que juiz ganhava muito pouco.

Desembargadora Carmelita Brasil

Em 1981?

Desembargador Antoninho Lopes

É... 1980, 1981, isso.

Desembargadora Carmelita Brasil

Para a Justiça Estadual?

Desembargador Antoninho Lopes

Estadual de São Paulo. Aí, desisti, fiz lá um requerimento e desisti. O escritório estava me dando dinheiro, estava conseguindo.

Desembargadora Carmelita Brasil

A especialidade do escritório de Vossa Excelência, qual era?

Desembargador Antoninho Lopes

Civil e Família. Embora tivesse uma bagagem grande (na área) Criminal, eu não me adaptava por esse lado, conhecia bem Penal. Fiz o exame de Ordem de São Paulo, lá começou cedo, e fiz Penal porque era o que eu mais sabia, tinha lido aqueles quatro volumes do Ministro Bento

de Farias¹, que foi do Supremo (Tribunal Federal), sobre Penal, conhecia muito bem Penal. Mas não me cativava para advogar, excepcionalmente uma coisa ou outra, mas gostava mesmo era de Direito Civil como aqui, não é? (Inaudível). De lá desisti do concurso, continuei advogando, da prefeitura acabei saindo, e fui me ajustando para fazer concurso e, por acidente, vim parar aqui, porque eu fui à banca de jornal e comprei o jornal dos concursos e tinha um bêbado chateando ali, eu não li direito, li assim: Federal. E eu queria fazer a Justiça Federal. Quando cheguei em casa é que vi que era Distrito Federal. Aí, a minha mulher disse: "Você não quer mais saber de São Paulo". E me aconselhou a fazer a inscrição e mandei a inscrição para cá pelo Correio, foi muito interessante porque foi em outubro de 1989 e esqueci, trabalhando, e me envolvendo com uma coisa ou outra, aí não sei por que lá, no dia 1º de março de 1990, ano de Copa do Mundo e tal, peguei e liguei para cá (Distrito Federal) e alguém falou: "Não, o exame é dia 31 desse mês, no Gisno²". Claro que nunca, não tinha vindo aqui na Capital Federal.

Desembargadora Carmelita Brasil

Nem conhecia Brasília?

-
- 1 Antônio Bento de Faria foi advogado, escritor e ministro do Supremo Tribunal Federal – STF, entre 1925 e 1945.
 - 2 Centro Educacional Gisno, escola em Brasília-DF.

Desembargador Antoninho Lopes

Não. E foi também por acidente. Foi o ano em que o Collor³ tomou todo o dinheiro que a gente tinha, e aí disse: “Está bom”, disse para minha mulher, “vamos conhecer a Capital Federal”. E não tinha mais dinheiro, tinha um cliente que era dono de agência de viagem e comprei a passagem financiada e vim aqui fazer a prova. Eu não vinha, achava que era muito longe, depois com essa história do Presidente Collor, acabei vindo. Vim aqui, claro, não conhecia ninguém. Lá no Giso vi só um rosto conhecido. Era assim, o Presidente da Comissão de Concurso era o desembargador Luiz Cláudio Abreu⁴. Vinte e cinco em cada sala, aí eu já fui para a última sala, para não ficar perguntando, cabe aqui, não cabe lá... Encontrei a juíza Eutália (Maciel Coutinho), que era também de Santos, e que eu fui professor de Prática Forense lá na Faculdade de Santos, quase três anos, e a juíza Eutália também foi professora de uma matéria chata, Economia Política. E tinha sido até professora da minha mulher. Conversamos, demorou um pouco para começar o concurso e quando acabou ela disse: “Meu marido vem me buscar, se quiser uma carona e tal”. Aí, é um fato interessante...

Desembargadora Carmelita Brasil

A juíza Eutália Coutinho já morava aqui nessa época?

Desembargador Antoninho Lopes

-
- 3 Fernando Collor de Mello exerceu a Presidência do Brasil, entre 1990 e 1992. Primeiro Presidente deposto por um processo de impeachment no país.
 - 4 Luiz Cláudio de Almeida Abreu. Desembargador do TJDF entre 1982 e 1996.

Já. Ela disse: “Eu casei, já não estou mais em São Paulo”. A Eutália Coutinho era uma mulher muito bonita e passava - uma morena baiana bonita, um salto desse tamanho - e não olhava para gente, nem para ver quem era. Eu nunca tinha conversado com ela, aqui foi a primeira vez, apesar de tropeçarmos na sala de professores algumas vezes. Ela me ajudou bastante nessa (parte de) acomodação e me avisou que eu tinha passado na prova de múltipla escolha, e aí eu vim aqui... aí, sim, já era a Copa do Mundo, era junho já de 1990, para fazer a prova escrita.

Desembargadora Carmelita Brasil

Três provas escritas.

Desembargador Antoninho Lopes

Três, eram três, ao todo. (Digo) Quatro, aliás, quatro provas escritas, difíceis.

Desembargadora Carmelita Brasil

Lembra dos examinadores ainda da comissão do concurso?

Desembargador Antoninho Lopes

Lembro, era o desembargador Luiz Cláudio (de Almeida Abreu), que era o Vice-Presidente, desembargador João Carneiro de Ulhôa⁵, desembargador Hermenegildo⁶...

-
- 5 Desembargador do TJDF entre 1987 e 1996.
 - 6 Hermenegildo Fernandes Gonçalves. Desembargador do TJDF entre 1988 e 2006.

Desembargadora Carmelita Brasil

O desembargador Hermenegildo até hoje integra a banca de concurso.

Desembargador Antoninho Lopes

Ele examinava Direito Constitucional.

Desembargadora Carmelita Brasil

Continua com Direito Constitucional.

Desembargador Antoninho Lopes

Ele sabe bem. Outro rapaz, um advogado, o Renato, José Renato, sei que ele era do Senado, não lembro o nome todo. Tinha mais alguém, que eu lembro?

Desembargadora Carmelita Brasil

Está faltando Penal, está faltando...

Desembargador Antoninho Lopes

Penal era o João Carneiro de Ulhãa. Administrativo era esse advogado da Ordem, Constitucional era o Hermenegildo.

Desembargadora Carmelita Brasil

E Empresarial, na época chamava Comercial?

Desembargador Antoninho Lopes

Desembargador Luiz Cláudio (de Almeida Abreu).

Desembargadora Carmelita Brasil

Então a prova estava difícil?

Desembargador Antoninho Lopes

A prova escrita estava difícil, tanto é que na peneira da só passaram cinco.

Desembargadora Carmelita Brasil

E nesse interregno entre a prova, o "provão", a prova objetiva e as provas dissertativas, Vossa Excelência se dedicou, estudou, se preparou convenientemente ou veio com a bagagem que tinha?

Desembargador Antoninho Lopes

Eu sempre estudei. Sempre curioso, sempre estudei. Na verdade, estudei especificamente três meses. Não ia ao escritório às sextas-feiras com uma desculpa qualquer. Tinha lá uns colegas, mas eles eram independentes e eu também. Estudava sexta, sábado e domingo. Tínhamos uma loja de locação de fitas e vídeos, Nádia saía para loja de manhã e, quando voltava à noite, eu estava ainda no mesmo lugar. Estudei muito Penal por causa da mudança, eu conhecia muito bem Penal, mas a mudança de 1984 me atrapalhou bastante porque, primeiro porque eu já não vivia aquilo, já não vivia o Penal, tinha uma bagagem boa. Interessante que... Bom, até aí, passamos cinco, depois parece que houve recurso e fomos para nove, e no oral passaram oito.

Desembargadora Carmelita Brasil

Um só foi reprovado?

Desembargador Antoninho Lopes

Só a menina que estava com a gente. Uma moça bonita. Está por aqui ainda, hoje está no Ministério Público. Então, na sequência passamos: Demétrio - era Demétrio? Domingos Braune⁷, o Arnaldo Camanho de Assis⁸, nosso desembargador, depois parece que foi o Fernando Habibe⁹, depois o João Timóteo¹⁰, eu¹¹, ou inversamente, não me lembro, depois o Irineu de Oliveira¹², nosso advogado e amigo até hoje, e João Egmont¹³. Esse é o pessoal da minha turminha. O Domingos foi embora logo, porque estava fazendo aquela Federal. Ah sim, eu também comecei a fazer. Demorou muito para abrir a inscrição da Federal, porque tinha pouca gente inscrita. Inscrevi-me lá também e fazendo os dois concomitantemente. Lá como demorou, aqui andou mais depressa. O Domingos tinha passado no concurso lá e foi embora. E o que aconteceu comigo? Eu passei aqui primeiro, vim para cá, desmanchei o escritório e vim para cá. Daí, eu soube também que tinha passado...

-
- 7 Domingos Henrique Leal Braune – aprovado em 1º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 8 Desembargador do TJDFT desde 2008. Foi aprovado em 2º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 9 Fernando Antonio Habibe Pereira - aprovado em 4º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 10 João Timóteo de Oliveira - aprovado em 5º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 11 Antoninho Lopes - aprovado em 6º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 12 Irineu de Oliveira Filho - aprovado em 8º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).
 - 13 João Egmont Leôncio Lopes - aprovado em 7º lugar no XVI Concurso da Magistratura do DF (1989-1990).

Desembargadora Carmelita Brasil

Que coragem, hein?

Desembargador Antoninho Lopes

Não. Começava uma vida. Eu tinha um emprego, não estava assim tão difícil.

Desembargadora Carmelita Brasil

E nessa época, 90, os subsídios da magistratura já estavam menos insignificantes do que estavam na década de 80, desembargador?

Desembargador Antoninho Lopes

Estavam. Não tinham mais as regalias que o Collor extinguiu, tipo o imóvel funcional.

Desembargadora Carmelita Brasil

Então Vossa Excelência não pegou a época do imóvel funcional?

Desembargador Antoninho Lopes

Não, porque tomei posse em novembro de 1990. E tudo isso aconteceu em março de 1990, com o Presidente Collor. Então, nesse meio tempo, continuei advogando já sem a prefeitura, tinha um contrato de cobrança da dívida ativa com a prefeitura que eu cobrava aqui, o escritório da advocacia... Aí, a opção ficou mais difícil porque o último ano do prefeito está sempre com a intenção de eleger o sucessor e nos fazia trabalhar muito, todo o tempo possível, isso me atrapalhou bastante. E eu que tinha um escritório muito bom, acabou já teria que recomeçar tudo de novo. Ainda vivia dele, mas não fluía com aquela fa-

cidade com que estava indo antes não. Fui Presidente da Subseção da Ordem do Guarujá (SP). É interessante isso, porque trabalhei muito para ser o Presidente da Subseção e, depois, as pessoas todas, todos os advogados, quando viram que eu ia ser o candidato, eles desistiram. Meus amigos mesmo, não quiseram. Eu me lembro que, depois da eleição, tive um voto contra ou dois, e alguém disse assim: “Bem que o Pelé falava...” Ah, porque alguém disse assim: “Eu me enganei”. E alguém disse: “Bem que o Pelé falou, que brasileiro não sabe votar”. Fiquei dois anos, não quis a reeleição. Falta de fôlego, porque o pessoal elege o Presidente e ele que se vire, e aí já não dava conta da prefeitura e do escritório. Foi muito difícil. Então, fiquei 14 anos e 11 meses advogando e foi o tempo de ingressar aqui. Tinha uma bagagem boa, e um sujeito ótimo, era o juiz Humberto Eustáquio (Martins¹⁴). Tinha feito um curso de Direito Público e o desembargador Luiz Cláudio me designou lá para a Fazenda em razão disso. Aí, o juiz Humberto, um doce de pessoa, titular da 3ª Vara da Fazenda Pública, me ajudou bastante, me acomodou bastante. Isso, para quem chega e nem é daqui, é muito difícil. Fiquei com ele só 12 dias, aí me colocaram na 8ª Vara Cível, que tinha sido do hoje falecido desembargador Estevam Maia¹⁵, eu não me lembro quem era, sei que ele estava convocado,

14 Então juiz do TJDF. Foi desembargador desse Tribunal entre 1994 e 1995.

15 Estevam Carlos Lima Maia. Desembargador do TJDF entre 1994 e 2008.

mas era muito processo. Trabalhei bastante, dei muita sentença ali. Lembro-me de que depois a vara foi promovida com o (desembargador) Sérgio Bittencourt¹⁶, (ele) foi o juiz titular. Ele estava em Taguatinga e veio para cá para a 8ª Vara Cível. Eu disse para ele: “Continuo recebendo o recurso da sua sentença”. Era bastante mesmo. Dei muita sentença naquela época. Daí, fui ficando por aqui, até que chegou janeiro, e a turma antes da minha também era tudo substituto, hoje, o desembargador Roberval Casemiro Belinati¹⁷, a desembargadora Vera Andrighi¹⁸, lembro-me desses, não sei se tem mais alguém. E eles então... então, teve aquela lista, o Corregedor era, também falecido – ah, estou vendo o desembargador Humberto Eustáquio daqui, naquela foto, na galeria¹⁹ - esqueci o nome dele (do Corregedor), mas ele nos designou pela ordem, e acabei escolhendo Taguatinga, sem saber onde era.

Desembargadora Carmelita Brasil

Quanto tempo ficou como juiz substituto, desembargador?

Desembargador Antoninho Lopes

Fiquei dois anos.

16 Desembargador do TJDF entre 1998 e 2014.

17 Desembargador do TJDF desde 2008.

18 Vera Lúcia Andrighi. Desembargadora do TJDF desde 2004.

19 Galeria de Desembargadores do TJDF. Espaço que contempla, por ordem de antiguidade, a fotografia emoldurada de todos os desembargadores do Tribunal. Está localizada no Memorial TJDF – Espaço Desembargadora Lila Pimenta Duarte – Bloco A, Ala A, do Fórum de Brasília.

Desembargadora Carmelita Brasil

Só dois anos?

Desembargador Antoninho Lopes

Um ano e meio, talvez. Na verdade, fui para lá porque queria uma Vara Cível, estava preocupado, porque não conhecia a cidade, para ficar em uma Vara Criminal. E aí cheguei no dia primeiro de janeiro, que era um feriado, e fui lá descobrir onde eu ia trabalhar no dia seguinte. Na época, houve uma coisa muito interessante: o desembargador João Carneiro de Ulhôa era o Corregedor, ele queria promover o juiz, e falou: “Vocês façam uma lista, com respeito à antiguidade, escolham, tragam para mim”. Mas, aí, um dos nossos colegas não quis aceitar aquela situação, e acabou também não dando certo. Fui parar lá, em Planaltina, provisoriamente. Fiquei um mês lá. Longe. Muita investigação de paternidade. Tinha lá uma pedra fundamental onde o pessoal ia namorar e aquilo era um inferno. A melhor coisa que tinha lá era a secretária. Ela dizia: “Está todo mundo pronto, só falta o senhor”. Eu mal chegava, sem respirar, e fazendo aquele bando de audiência.

Desembargadora Carmelita Brasil

Lá tinham duas varas: a Cível de competência geral e a Criminal e Júri.

Desembargador Antoninho Lopes

E lá, comigo, na época, foi o desembargador Fernando Habibe²⁰. Acabei voltando depois para Taguatinga, fiquei em Taguatinga uns três anos e meio, fora esse

período de um mês. E, quando fui promovido, fui para lá também, para Taguatinga. Na vara onde eu estava, que era a 1ª, que tinha sido do desembargador Sérgio, fiquei três anos e meio lá. Fizeram até festa de despedida para mim. A 1ª Vara Cível era meio onerosa, porque respondia pelo Juizado Especial, pequenas causas, e aí lembro dar um pouco de trabalho, porque, cada vez que mudava a direção do fórum, alguém inventava que o pessoal do Criminal não precisava ir, aí sobrecarregava os outros também. Aquilo foi interessante. Fiquei lá e acabei, que eu me lembre, na primeira chance foram promovidos os mais antigos, o menino Arnaldo, ainda menino, tinha 27 anos quando começou, o menino Fernando, e eles foram promovidos e eu vim numa segunda leva. Eles foram promovidos em junho e eu fui promovido em agosto de 1994. Aí vim aqui para a 6ª Vara Cível. Aí houve o seguinte: o desembargador João Carneiro de Ulhôa, disse que ia — não me lembro se ele foi Presidente do Tribunal...

Desembargadora Carmelita Brasil

Foi, foi Presidente.

Desembargador Antoninho Lopes

Foi, foi Presidente do Tribunal. Ele resolveu instalar mais de dez Varas Cíveis e, aí, encurtou os espaços das outras e eu vim para a 6ª Vara Cível, que ficava em uma esquina com elevador, ficou bem apertado aquilo. As Varas Cíveis sempre foram difíceis e aquela vara era muito difícil, muito tempo sem juiz titular. Quem tinha passado era

20 Fernando Antonio Habibe Pereira. Desembargador do TJDF desde 2009.

a desembargadora Beatriz²¹, e ela saiu, aquele período sem juiz titular era difícil, porque o juiz acaba conhecendo os processos, no vai e vem, vai e vem. Era difícil porque o substituto não ficava, nem tinha tanto juiz assim, e ali ficou difícil de trabalhar, porque aquele pessoal passava o dia inteiro procurando processo na sala de audiência.

Desembargadora Carmelita Brasil

Os processos ficavam na sala de audiência?

Desembargador Antoninho Lopes

Era. Não tinha mais espaço com o encurtamento da vara. E aí você não conseguia trabalhar. Lembro que o (desembargador) Sérgio (Bittencourt), que estava na 8ª, dizia para mim: “O senhor trabalha muito”. E eu dizia: “Não, só começo a trabalhar depois das seis, porque não consigo me mexer aqui. Faço as audiências e tal, mas, para despachar um processo, só depois das seis horas, porque não dá com esse povo procurando processo e tal”. Na primeira chance que tive, pedi remoção para a 14ª, para as novas (varas) instaladas. Queria começar um trabalho. Fazer um trabalho específico. Acabaram me dando a 14ª. E foi interessante, porque eu pedia as varas puladas. “E por quê?” Eu falava: “Porque as outras não tinham banheiro”. Acho que a 13ª não tinha banheiro. Então, estava lá a Fanuck (Lia Celi Fanuck), a Vera Andrighi, são pessoas

21 Maria Beatriz Feteira Gonçalves Parrilha. Desembargadora do TJDF entre 2006 e 2010. Faleceu em 18/3/2012.

de peso aí neste Tribunal, eram juízes mais antigos e acabei indo para a 14ª, fiquei acho que uns oito anos lá, até começarem as convocações, o terror das convocações.

Desembargadora Carmelita Brasil

É, na verdade, o termo é apropriado.

Desembargador Antoninho Lopes

Fiquei nove anos convocado e foi difícil, porque sozinho, os funcionários do cartório são do cartório e o cartório precisa deles para as coisas. Então, tinha uma ou duas pessoas me ajudando, mas foram nove anos difíceis, acumulando processo com dificuldade para dar vazão àquilo. Tanto é que, quando fui promovido, ainda tinha uns duzentos comigo.

Desembargadora Carmelita Brasil

As convocações também começaram para a área Cível ou teve também Criminal?

Desembargador Antoninho Lopes

A primeira convocação foi para substituir, não lembro o nome agora, era do quinto, mas não sei por que fui parar na Criminal.

Desembargadora Carmelita Brasil

Valtênio (Mendes Cardoso)?

Desembargador Antoninho Lopes

Não, o que tinha sido procurador. Não lembro o nome dele agora.

Desembargadora Carmelita Brasil

Everards (Mota e Matos)?

Desembargador Antoninho Lopes

Também não. Esse era do Ministério Público. Esse era advogado, tinha sido procurador.

Desembargadora Carmelita Brasil

Do quinto, da advocacia.

Desembargador Antoninho Lopes

Não lembro bem, mas fui para uma Turma Criminal, se não me engano, a Primeira, só tem duas, e troquei com o (desembargador) João Timóteo²², meu colega de turma. Fomos conversar com o Presidente, que acho que era o desembargador Natanael Caetano²³, e ele nos trocou, deixou o Timóteo na Criminal, que era a área dele, e me deixou na Cível, a 1ª Turma, fiquei lá por muito tempo. Bom, fiquei em todas as Turmas, nove anos. E, na 6ª Turma, substituindo a desembargadora Ana Maria Duarte Amarante²⁴ (Brito), porque ela tirou licença, depois quebrou o pé e foi por aí afora. Fui ficando lá, e a desembargadora, não sei quem era a Presidente (da Turma), Sandra De Santis²⁵, eu acho, estava com amigos, (desembargador) Jair Soares²⁶, que conheço desde Taguatinga, e o Jair era meu modelo, gostava muito do trabalho dele:

22 João Timóteo de Oliveira. Desembargador do TJDFE desde 2009.

23 Natanael Caetano Fernandes. Desembargador do TJDFE entre 1990 e 2011.

24 Desembargadora do TJDFE desde 2004.

25 Sandra De Santis Mendes de Farias Mello. Desembargadora do TJDFE desde 2004.

26 Jair Oliveira Soares. Desembargador do TJDFE desde 2004.

seco, seguro. Então foi bom estar na 6ª Turma. Sempre se aprende muito com esses mais antigos, a forma de olhar, a forma de fazer as coisas. Gostava bastante. Fui promovido até chegar a oportunidade da promoção. Fiquei onze meses no TRE e, depois, tomei posse aqui em abril de 2009, já na 5ª Turma. E fiquei na 5ª Turma entre seis meses e um ano, aí troquei, porque o próximo da vaga era o desembargador João Egmont²⁷, e a 5ª Turma juntava com a 1ª Turma (Cível) para fazer a Câmara, e estava lá o irmão dele, o desembargador Waldir Leôncio Júnior²⁸. Então ainda não dava. Fui para a 4ª Turma e deixei a vaga dele. Eu estava tão bem na 5ª, eu gostava de lá. Estava o desembargador Romeu, um irmão mais velho que temos, não é? Desembargador Romeu é um doce de pessoa. Desembargadora Haydevalda Sampaio²⁹, desembargador Lecir Manoel da Luz³⁰. Boa gente à beça o desembargador Lecir. Fui revisor dele. E tinha mais um que não lembro quem agora. Depois trocou, não me lembro se foi o desembargador Ângelo³¹, sei que trocou. Mas fui para a 4ª e estavam dois do meu concurso: o desembargador Arnaldo Camanho de Assis e desembargador Fernando Habibe. E mais esse menino, que vai ser o nosso Corre-

27 João Egmont Leôncio Lopes. Desembargador do TJDFE desde 2010.

28 Desembargador do TJDFE desde 2003.

29 Haydevalda Aparecida Sampaio. Desembargadora do TJDFE entre 1999 e 2009.

30 Desembargador do TJDFE entre 1998 e 2014.

31 Ângelo Caducci Passareli. Desembargador do TJDFE desde 2006.

gedor (o desembargador Cruz Macedo³²), que eu admiro bastante, sempre admirei bastante. Tem uma facilidade de raciocínio o desembargador Cruz Macedo. Tem uma facilidade de raciocinar, de ponderar, sempre sabe tudo. Duas pessoas neste Tribunal que sabem tudo: o desembargador Cruz Macedo e o desembargador Mario Machado³³. O desembargador Mario Machado também, pode perguntar que ele sabe tudo. Dei-me muito bem na 4ª Turma, fiquei lá em uma harmonia boa.

Desembargadora Carmelita Brasil

Isso é importante.

Desembargador Antoninho Lopes

A gente conversava, e eventual discordância, claro, com toda liberdade, conversava antes, evitava a discussão na frente dos advogados. Já sabia que não está certo, vai manter a posição... Era um céu a 4ª Turma. Lá fiquei até sair.

Desembargadora Carmelita Brasil

Até aposentar?

32 José Cruz Macedo. Desembargador do TJDFT desde 2002. Eleito Corregedor do TJDFT para o biênio 2016-2018.

33 Mario Machado Vieira Netto. Desembargador do TJDFT desde 1997. Eleito Presidente do TJDFT para o biênio 2016-2018.

Desembargador Antoninho Lopes

Até aposentar. Saí ainda sob protesto. A idade veio. Disse-me alguém aqui: "O que você está reclamando? Seus colegas estão todos lá, trabalhando para ganhar o salário e você está ganhando sem fazer nada". Sinto falta do ambiente, das pessoas, do convívio, do dia-a-dia, do pessoal do gabinete, e os desembargadores, a gente sempre tropeça e conversa. Tive uma boa amizade com todos, sem discordância, sem ranço, sem nada. Sinto falta disso.

Desembargadora Carmelita Brasil

Mas tem uma faceta da atividade de Vossa Excelência aqui no Tribunal que até agora não foi enfocada: a sua atuação junto à AMAGIS.

Desembargador Antoninho Lopes

Também a Turma Recursal, que esqueci. Participei da Turma Recursal por quatro anos. Fui reconduzido. O desembargador Getúlio (Vargas de) Moraes Oliveira³⁴ é que leu lá e disse: "São mais quatro anos". Fiquei quatro anos na 1ª Turma Recursal. O Corregedor era o desembargador Nívio (Geraldo Gonçalves)³⁵.

Desembargadora Carmelita Brasil

Acumulando com a Vara Cível.

34 Desembargador do TJDFT desde 1992.

35 Desembargador do TJDFT entre 1992 e 2011.

Desembargador Antoninho Lopes

Com a Vara Cível, que era uma loucura. Cheguei a ficar com quatrocentos processos da Recursal, por mais força que eu fizesse. Com a Cível ficava tudo muito mais difícil. Foi por isso, e esqueci-me de dizer, que chegou em determinado momento em que pedi para mudar para as precatórias, para uma das Varas da Precatória. Porque eu não tinha mais fôlego para levar aqui. Era trabalhar dia e noite, sábado, domingo. Chegou uma hora que não dei conta. Fui para a AMAGIS em 1994, 1995, levado pelo desembargador Minervino³⁶, que era o Presidente na época. Ele colocou-me em um cargo, diretor cultural, acho, alguma coisa assim. Mas o desembargador nunca deu muito espaço para fazermos nada. O desembargador Minervino resolvia tudo sozinho, com uma rapidez e uma facilidade. Mas, de qualquer forma, fiquei na AMAGIS com ele. Depois fiquei com o Pedro Aurélio (Rosa de Farias)³⁷, mas eu era do Conselho Fiscal. E mais tarde com o George (Lopes Leite)³⁸, que foi Presidente lá. Fui um dos diretores. E na época o diretor social ficou bravo porque nós achamos um... qualquer coisa, e aí eu disse ao George: “Dê-me isso aí. Esse meu cargo é muito parado”.

Desembargadora Carmelita Brasil

E qual era o cargo?

Desembargador Antoninho Lopes

Era aquele que tomava conta da secretaria. Não lembro direito. Só dia de sessão é que tinha que fazer a

ata. Falei: “Dê-me isso aí que eu estou muito parado com isso”. E acabei sendo diretor social da AMAGIS com ele e depois, quando Maria Isabel (da Silva), a nossa juíza, foi ser Presidente, ela me convidou para ser diretor e eu fiquei quatro anos com ela, também como diretor social.

Desembargadora Carmelita Brasil

Aí voltou aos velhos bons tempos da faculdade. Festa todo dia?

Desembargador Antoninho Lopes

Lá tinha bastante festa. Eu gostava de organizar festa.

Desembargadora Carmelita Brasil

Foi um período muito marcante a atuação à frente da Diretoria Social, não sei exatamente que nome se deu.

Desembargador Antoninho Lopes

Era diretor social, agora cultural. Eu me divertia muito com essa história do cultural. Eu fiz bastante coisa. Movimentava bastante aquilo. Maria Isabel já participava. Fiz um mundaréu de coisa, muito fôlego, por sinal, para fazer aquilo tudo. Foi um período interessante.

Desembargadora Carmelita Brasil

O juiz, em geral, não é muito associativo.

Desembargador Antoninho Lopes

Não é muito.

36 Edmundo Minervino Dias. Desembargador do TJDF entre 1989 e 2002.

37 Desembargador do TJDF entre 1993 e 2003.

38 Desembargador do TJDF desde 2006.

Desembargadora Carmelita Brasil

A grande maioria é mais retraída, não é?

Desembargador Antoninho Lopes

Não quer sair de casa.

Desembargadora Carmelita Brasil

Não quer sair de casa, justamente. Às vezes a gente perde encontros maravilhosos. Os colegas que vão, chegam encantados e a gente até se penitencia: “Por que não fui?”

Desembargador Antoninho Lopes

É bom rever. Para mim, então, agora que estou fora, para rever as pessoas é uma maravilha. No dia da indicação da Administração nova, um monte de gente que eu não via há algum tempo. Teve chance lá de conversar um com o outro. Isso é bom demais. Isso se perde demais. Claro que fiquei muito caseiro, depois que a minha mulher faleceu, perdi um pouco de ânimo. Ela era bem festeira, gostava muito.

Desembargadora Carmelita Brasil

A Nádia era de uma vitalidade, de uma alegria nunca vista. Realmente.

Desembargador Antoninho Lopes

Era sempre alegre, sempre sorridente. Eu até dizia: “Meu bem, vê se você rejeita algum convite desse”. Porque tinha que ter fôlego, porque depois tinha que trabalhar.

São difíceis as

coisas no dia seguinte. Toda festa acabava duas, três horas da manhã. A cabeça no dia seguinte não funcionava. Mas ela gostava muito de festa. A minha casa grande, sempre tinha um movimento, alguma coisa ou outra, filho sempre presente. Agora a vidinha ficou um pouco quieta. Como eu disse, até no discurso de saída: Deus me deu um anjo que ficou comigo 32 anos e depois me tomou, levou embora.

Desembargadora Carmelita Brasil

É uma vida.

Desembargador Antoninho Lopes

Mas foi isso. A vida é isso. Aprender muito aqui, fiz muitos amigos. Só acho que a vida de juiz é mais produtiva do que a do desembargador. Porque tem chance, principalmente em cidade-satélite³⁹, tem chance de resolver isso, resolver aquilo, de ouvir, de conversar. Quando aqui cheguei, em 1991, fui para Taguatinga, em janeiro de 1991. Naquela hora do divórcio direto, naquela mudança da Constituição. E tinha muito em Taguatinga e eu aprendi a simplificar. Eu pegava aquele povo todo e fazia um termo só. Em quinze minutos estava pronto. Trouxe a testemunha tal, confirmava tudo e resolvia. Resolvia aquilo em quinze minutos. Fazia fluir. Eu me dei bem lá. As pessoas gostavam de mim exatamente porque resolvia. O problema todo é resolver.

39 Cidade-satélite: designação anterior para as cidades que se formaram em torno da capital Brasília. Atualmente, o termo utilizado para as subdivisões do Distrito Federal é “região administrativa”. O DF tem hoje 31 regiões administrativas.

Desembargadora Carmelita Brasil

Realmente. A observação é correta. O juiz tem essa capacidade de interagir com a parte, sentir que a sua atuação vai ter efeito imediato. Isso é verdade.

Desembargador Antoninho Lopes

E em Taguatinga sempre fomos poucos juízes. Lembro-me que eu era o 34º juiz substituto. Eu estava na 1ª Cível, substituía a juíza da 1ª (Vara) de Família e era o substituto natural da 2ª (Vara) de Família, que já não lembro quem era ou não tinha juiz. E sei que aquilo era sobe e desce, faz audiência, vem e volta. Chegou uma época que liguei aqui e disse: “Não aguento mais, estou muito cansado”. O carro ia embora e eu ia ficando, ia ficando. Chegou uma hora que faltou fôlego para resolver tudo, para decidir tudo. Muito processo.

Desembargadora Carmelita Brasil

Chegou a ser diretor de fórum?

Desembargador Antoninho Lopes

Só do Fórum Central. Fui diretor do fórum aqui sete anos, por aí.

Desembargadora Carmelita Brasil

Também é um trabalho espinhoso, não é?

Desembargador Antoninho Lopes

É muito difícil acomodar tudo. Aqui tem administração, que é mais simples. Mas, de um modo geral... Das cidades-satélites não fui. Fui aqui diretor do fórum.

Desembargadora Carmelita Brasil

Mas casos que nós gostamos às vezes de destacar e que, por isso, sempre fazem parte das indagações, durante as entrevistas, é sobre algum processo que tenha chamado a sua atenção. Que tenha feito perder sono, dessas histórias que a gente às vezes passa anos e não se esquece dela. Lembra-se de alguma?

Desembargador Antoninho Lopes

Lembro. Teve um, especificamente, que era uma promessa de venda. Ouvi todo mundo: quem ia comprar, quem não comprou, porque não fechou. Era muita gente. Quando acabou aquilo, fiquei sem saber o que eu ia decidir. Era um embrulho tão grande, que foi, não foi. Aí a secretária, eu gostava muito dela, a Marta, disse para mim assim: “Mas não teve dinheiro nenhum aí”. Eu falei: “Ah, é isso!” Eu não estava nem sabendo por onde começar. Ela: “Na verdade não fechou nada, ficou só nesse chove não molha”. Eu vi aquele mundaréu de gente. Eu fui entrevistado pela TV Justiça e eles fizeram uma matéria comigo. Não sei se prosseguiram, mas era uma proposta, chamava-se “Carreiras”. E eles me entrevistaram aqui no Tribunal, em casa. Levando em conta que eu tocava bateria, nós tínhamos um conjunto, isso chamou muito a atenção. E acabei contando esse caso. Foi uma audiência em Taguatinga, uma batida de automóvel. Aquelas coisas todas, já tinha ouvido umas pessoas. Tinha uma testemunha para ouvir, que era um fanho. Então, eu disse a ele: “O senhor sabe que mentir aqui é crime. Então, o senhor tem que dizer a verdade”. Aquela advertência toda. Ele começou a falar o que ele sabia. E não entendi nada. Ele acabou de falar e eu não entendi nada. Fiquei sem saber o que fazer. Vou

dizer para ele que não entendi nada, ele vai falar e eu não vou entender.

Desembargadora Carmelita Brasil

Como foi reduzir a termo aquele depoimento?

Desembargador Antoninho Lopes

Ditei, naquela época nós ditávamos os termos. Ditei o que todo mundo sabia: que no dia tal foi feito um acidente, aquilo que estava ali, sem definir nada, sem definir culpa. Era difícil dizer para ele que eu não tinha entendido. Só tinha essa solução. E aí, um dos advogados disse: “Posso fazer uma pergunta?” Eu ri e disse para ele assim: “O senhor tem certeza?” Ele disse: “Tenho”. O cara fez uma pergunta que eu repassei. E a resposta eu também não entendi. E aí eu disse: “Ele não sabe”. Ele também não tinha entendido. E aí resolvemos o incidente. Essas coisas eu me lembro. Tiveram momentos gloriosos. O desembargador Arnaldo Camanho de Assis gosta de contar uma história que eu contei a ele. Nós estávamos em Taguatinga, era um barracão...

Desembargadora Carmelita Brasil

Foi na época ainda daquele barracão provisório.

Desembargador Antoninho Lopes

A inauguração daquele fórum é de 8 de agosto de 1991. Fui para lá em janeiro de 1991. Eu estava de paletó e gravata, naqueles barracões, sala de audiência

e chegou um sujeito com um processo para me dar. Eu digo: “O que o senhor quer com isso?” Ele disse: “Eu queria xérox”. “Você acha que eu pus paletó e gravata para vir tirar xérox para você” (risos). O Camanho gosta de contar essa história. Foi uma das coisas engraçadas. Tem outra também que eu não esqueci. Em uma daquelas confusões, um amontoado de gente, naquela saleta, aí senta uma moça bonita para ser testemunha. Ela começou a falar e eu viajei, não sei o que foi que aconteceu e ela acabou aquele depoimento e eu não sabia nem o que ditar. Aí eu fui perguntando daqui, chutando dali, até ela recontar tudo. São momentos interessantes desse período da judicatura, desse período de 1º Grau. Tudo isso sempre achei muito interessante. O que eu mais gostei foi de ouvir uma testemunha e aí eu disse: “O senhor está dispensado e tal”, e aí fui lá me distrair com qualquer coisa, alguém falou comigo, quando voltei, eu falei de novo: “Não, o senhor está dispensado”, e ele disse para mim: “Não, eu sou o outro”. Eu: “Mas é que todo mundo de bigode se parece”. São momentos engraçados desse dia a dia.

Desembargadora Carmelita Brasil

Dispensou a testemunha antes de ouvi-la.

Desembargador Antoninho Lopes

Mas era o outro, não era mais aquele não. Isso que eu vou lembrando, eu levava aquilo com paciência, ia conversando.

Desembargadora Carmelita Brasil

E essa lembrança alegre da música, da participação nesse conjunto, da bateria, como é que concilia essa alma de artista com essa atividade tão seca que é a prestação jurisdicional?

Desembargador Antoninho Lopes

Na faculdade tinha festa toda sexta-feira e lá se tocava, cantava, tinha um menino que gostava muito de bossa nova, de Vinícius de Moraes, dessas coisas todas. Quando eu cheguei aqui, o desembargador Arnaldo Camanho de Assis, que organizou a nossa chegada, a festa, que acertou a vinda da gente, ligou para mim, eu morava na (quadra) 315, num apartamento pequeno, e ele morava na (quadra) 316, e disse assim: “Qual rádio você está ouvindo?” Eu disse uma e ele disse: “Então põe na Nacional”, que na época só tinha música brasileira. Assim fomos nos conhecendo. “Toca alguma coisa?”

Desembargadora Carmelita Brasil

E o que ele queria que fosse ouvido na Rádio Nacional?

Desembargador Antoninho Lopes

Música brasileira, tocava muita bossa nova, depois que eles incluíram música internacional. E aí dessa coisa com violão, estive lá em casa...

Desembargadora Carmelita Brasil

A Nádia tocava também?

Desembargador Antoninho Lopes

Só cantava. Ela até tocava violão, mas não para participar do conjunto, ela sentava e sabia umas músicas, tinha uma que eu fiz que ela gostava muito de cantar. Disso, ele foi lá em casa e eu falei que tinha uma timba, que também não sabia o que era. Quando eu tomei posse

em 5 de novembro, quando eu voltei em janeiro, aquele período de recesso, eu trouxe o carro que eu tinha e a timba, que é um tambor, que o pessoal da Timbalada toca. Aquilo toca de uma forma mais simples, com uma vassourinha de aço e tem o som de bateria. Com aquilo a gente começou a tocar, tem até uma gravação, estava lá a desembargadora Nancy⁴⁰ e a gente começou, eu trouxe um amigo que tocava violão, o Camanho é muito bom músico, toca flauta, toca violão, o que der para ele tocar, ele toca. E a gente foi se juntando, e um dia a diretora da AMAGIS, era a Tânia Roriz...

Desembargadora Carmelita Brasil

Tânia Roriz, do nosso concurso.

Desembargador Antoninho Lopes

Convidou-nos para tocar e o Camanho, naquele entusiasmo, eu disse: “Não, calma, a gente tem que ensaiar”. Muito... da idade, menino, não é? Fomos ensaiar e vimos que faltava alguma coisa e a Nádia veio e uma palhinha aqui, outra palhinha ali, aí nós descobrimos que faltava era uma cantora, nós éramos três e com ela quatro. Aí nós montamos um conjunto e tocamos na AMAGIS e, antes da AMAGIS, onde houvesse festa. Nós tocamos na posse da desembargadora Aparecida⁴¹, chamamos a banda de “estágio probatório”, porque disse que era assim cantando

40 Fátima Nancy Andrigui. Desembargadora do TJDF entre 1992 e 1999, quando foi nomeada ministra do STJ.

41 Maria Aparecida Fernandes da Silva. Desembargadora do TJDF entre 1995 e 2008.

que íamos levar o nosso estágio probatório. Ficamos mais de dez anos tocando, aí o trabalho foi nos absorvendo, foi ficando mais difícil de reunir, até hoje, de vez em quando, nos reunimos, agora sem a Nádia ainda não nos reunimos. Fora isso, Maria Isabel tem lá o seu marido que é músico, toca todo domingo no asilo dos velhinhos, então eu também vou e toco e canto lá com eles das 10h até meio dia na Casa do Vovô. O Chico me botou para cantar, eu aprendi a tocar pandeiro, essas coisas do dia a dia.

Desembargadora Carmelita Brasil

Mas Vossa Excelência não falou a respeito, antes de terminarmos, porque estou vendo que a hora voa, passa depressa demais, e um tal livro de sentença que anda circulando de sua autoria, nos fale um pouquinho sobre ele.

Desembargador Antoninho Lopes

Eu guardei, não sei se desde o começo, cópia de todas as sentenças que dei.

Desembargadora Carmelita Brasil

Desde o começo?

Desembargador Antoninho Lopes

Desde o começo. Tem até um incidente interessante, em que eu furava a sentença e colocava dentro do processo. Mas, mesmo assim, quando estive em Planaltina, duas sentenças sumiram.

Desembargadora Carmelita Brasil

As sentenças ou as cópias?

Desembargador Antoninho Lopes

As sentenças sumiram, aí o menino que era diretor lá me pediu a cópia que eu tinha. Eu tenho ainda 20 volumes de xérox de sentenças.

Desembargadora Carmelita Brasil

Quantas sentenças nessa longa trajetória?

Desembargador Antoninho Lopes

Não sei, foi bastante, eu dava muita sentença, me revezava com a Haydevalda, que era boa de sentença. Depois eu comecei a guardar no computador, guardar em disquete, até hoje ainda tenho. O que aconteceu foi que eu dei à juíza, era a Haranayr (Inácia do R. Almeida Madruga), que foi trabalhar lá na 14ª ...

Desembargadora Carmelita Brasil

Quem?

Desembargador Antoninho Lopes

Haranayr, uma boa juíza nossa, ela foi trabalhar na 14ª, no tempo em que eu estava com aquelas convocações, e eu dei a ela uma cópia do CD em que eu tinha as sentenças, depois é que eu soube que ele já rodava por aí tudo, isso já fazia muito tempo, mais de dez anos, eu soube depois... depois que eu fui para a Vara de Precatórios, lá sentença só em embargos de terceiro e olhe lá. Eu soube depois que quase todo mundo tinha, incluindo

a nossa nova juíza, que é um doce, a Raquelzinha. Então rodou e talvez alguns ainda tenham por aí.

Desembargadora Carmelita Brasil

Muitas das vezes, a pessoa não imagina o reflexo que suas ações têm no meio, aquilo passa, às vezes, de geração em geração, uma máxima, um exemplo, uma sentença, um projeto, e o autor não imaginou que aquilo fosse ter aquela repercussão.

Desembargador Antoninho Lopes

Logo que eu fiz cinco anos, eu fui convocado pela Ordem para participar das bancas examinadoras, era um conselheiro e dois advogados e então, deixa eu ver se eu me lembro desse detalhe, tem uma história interessante nisso, era na própria Praça da Sé, em São Paulo, naquele prédio da Ordem, eu fui lá em cima, agora parece que mudou o esquema, mas quando eu fui fazer o exame da Ordem, eu sorteei um ponto que era um inferno, que era um real de trinta, o outro de dezenove, um de setenta. Então eu era o advogado de setenta porque o juiz tinha indeferido o de trinta, tinha deferido o do menor, e eu tinha que fazer uma peça para liberar. A lei mudou logo depois, a lei de setenta anos, confesso que não sei como ficou, mas eu fui fazer o exame e disse para o examinador, todo mundo falava em habeas corpus, e eu disse: "Senhor juiz é isso, isso e isso", e ele disse: "Por que o senhor está requerendo ao juiz da causa?" "Sim, porque ele disse que para soltar em liberdade estou pedindo sursis", aí ele disse para mim: "Mas o juiz já não deu". Eu disse: "Pois é, mas o Darcy Arruda Miranda no livro - o Darcy tinha um mundaréu de livros que eu tinha lido - ele diz que se o juiz não negou expressamente pode ser pedido". Aí o

que aconteceu foi que as perguntas começaram a subir de nível e eles me deram um baile, mas eu sabia, Penal eu sabia, até que o conselheiro que era o examinador chefe tinha um bigode, disse assim: "Doutor, sem querer quebrar a sua invencibilidade, vou lhe fazer uma pergunta só, se o senhor responder, eu lhe dou dez". Eu dei risada porque a pergunta era de Júri, que era exatamente o que eu fazia, eu era escrivão de Júri. Aquela história de quando um rejeita um jurado e o outro aceita. Era isso aí que eu acertei, e ele me deu dez. Era uma das histórias que teve depois um desdobraimento engraçado, mas em princípio foi isso aí, mas a Ordem foi quem me indicou para dar aula na Faculdade de Santos, porque era Prática, e aí o professor engasgou e eu fui dar aula lá, fiquei quase três anos como professor de Prática Forense na Faculdade Católica de Direito de Santos, onde eu me formei. Aí foi isso, eu estava na Comissão de Direitos Humanos, não sei como eu tinha fôlego para tanto. Hoje olhando, eu digo que não sei.

Desembargadora Carmelita Brasil

Hoje tem para mais ainda. Mas desembargador Antoninho Lopes, o nosso tempo infelizmente está esgotado, eu quero encerrar agradecendo muito e dizer que a sua história engrandece o Tribunal e nós teremos sempre lembranças e ensinamentos excelentes vindos não só das suas sentenças, mas da própria vida de Vossa Excelência, que está com a palavra para se despedir do Programa, fazendo as considerações que entender...

Desembargador Antoninho Lopes

Esse Programa é interessante porque permite ao juiz contar a sua história, a sua importância no Tribunal, o que pode fazer de bom, deixar uns exemplos para quem vem depois. Eu sempre entendi que o juiz tem que dar o máximo de si. E que toda pessoa, seja qual for o trabalho em que ele estiver investida, ela tem obrigação de fazer direito, de dar o melhor de si mesma. Eu tentei dar o melhor de mim. Trabalhei muito fim de semana, sábado, chegou uma hora em que eu disse: “Não trabalho mais domingo pelo menos para ter um hiatozinho”. Trabalhei bastante, achando que precisava resolver um monte de problemas pendentes que ficavam. Não sei, acho que fiz o meu trabalho com muito empenho e dedicação. Errar, se erra. Tenho alguns acórdãos com elogio, principalmente do desembargador Hilário⁴², que dizia assim: “O sempre exato”. Tenho alguns elogios dos desembargadores na época em que eu era juiz. Isso premia pelo menos o esforço do momento da época, por isso que eu disse que achava que a gente consegue ser melhor juiz, também julga sozinho, decide sozinho, viver no colegiado é outra história, outro aprendizado. O desembargador Macedo dizia que eu não discutia o acórdão. Não vou discutir porque já tem dois e tenho que respeitar essa opinião, pode ser que não

42 José Hilário Batista de Vasconcelos. Desembargador do TJDF entre 1993 e 1997.

goste, acho que ainda podia estar certo, mas são dois raciocinando de outra forma. O Tribunal é uma lição de vida muito forte, eu sinto falta da amizade do pessoal, do lanche, da conversa, da piada.

Desembargadora Carmelita Brasil

Muito obrigada, desembargador Antoninho Lopes.

Desembargador Antoninho Lopes

Obrigado à senhora.

◀fim▶

DATA DA ENTREVISTA

03/03/2016

LOCAL

Brasília-DF

ENTREVISTADO

Desembargador Antoninho Lopes

ENTREVISTADORES

Desembargadora Carmelita Brasil

TRANSCRIÇÃO

Subsecretaria de Apontamentos - SUAPO

REVISÃO

Iêda Oliveira de Araújo Alves – SERAMI

PROJETO GRÁFICO

Diego Vilani Morosino – ACS

DIAGRAMAÇÃO

Érica Regina Hayakawa Meira – ACS



PROGRAMA
**HISTÓRIA
ORAL**

DESEMBARGADOR
ANTONINHO LOPES

SERAMI

Serviço de Apoio à
Memória Institucional

SEGD

Secretaria de Gestão
Documental

PVP

Gabinete da Primeira
Vice-Presidência

TRIBUNAL DE JUSTIÇA
DO DISTRITO FEDERAL
E DOS TERRITÓRIOS

TJDFT